

FH garante que Brasil vai crescer no ano que vem

Previsão do Governo é de que exportações cheguem a US\$ 100 bi em 2002, puxando a economia junto com a agricultura

William de Moura

• O Brasil vai crescer no ano que vem. Quem afirma isso é o presidente Fernando Henrique, contrariando a visão de muitos empresários, economistas e políticos de que 1998 será lembrado pela recessão e pelo aperto generalizado. Em discurso recheado de otimismo, Fernando Henrique encerrou ontem o XVII Encontro Nacional de Comércio Exterior (Enaex), no Hotel Glória, avisando que as exportações devem dobrar em cinco anos, atingindo US\$ 100 bilhões em 2002. É justamente pelo aumento do comércio exterior e pelo setor de agricultura que o país vai continuar a crescer e gerar empregos, apesar da alta de juros e do arrocho fiscal.

— Eu tenho horror aos que fazem previsões de que o país não vai crescer no ano que vem. Vai crescer, sim, com as exportações e com a agricultura. Vai crescer porque vamos ter capacidade tecnológica e gente competente que está motivada para seguir adiante — disse ele, interrompendo várias vezes por aplausos.

Mercado esperava por novas medidas de impacto

O presidente, porém, não entrou em detalhes de como será a estratégia do Governo para alcançar essas metas. Apesar da expectativa geral de que ele iria anunciar um pacote com medidas de impacto para melhorar as contas externas, Fernando Henrique se limitou a confirmar a criação da Agência de Promoção das Exportações (Apex). Com recursos iniciais de R\$ 50 milhões, a nova agência, que está vinculada ao Sebrae, visa a estimular a exportação de pequenas e médias empresas e ampliar a pauta de produtos vendidos no exterior. O presidente frisou ainda que a equipe econômica vai analisar, juntamente com os empresários, os fatores que atrapalham as exportações em cada setor:

— Nós não estamos aqui para prometer que vamos fazer isso ou aquilo. Queremos dizer que estamos juntos: Governo, empresários e o povo.

Para muitos empresários, porém, o discurso foi frustrante. Foi essa a opinião de Eduardo Logemann, presidente da SLC, a maior exportadora de máquinas agrícolas do país.

— Sem novas medidas, será muito difícil o Brasil dobrar as exportações. O Governo está pedin-

do o apoio dos empresários mas, no meu caso, por exemplo, as dificuldades só fazem aumentar. Com o aumento das alíquotas e do IPI, ficou mais caro importar componentes para as máquinas — explicou.

Já o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Marcus Vinícius Pratini de Moraes, não é tão pessimista. Ele considera a meta do Governo factível e não se mostrou frustrado com a ausência de novas medidas. Para ele, aliás, não é preciso inventar mais nada para incentivar as exportações. Basta ampliar os recursos existentes:

— Não adianta criar um Proex (linha de crédito de apoio ao setor exportador), por exemplo, se as empresas não têm acesso a ele. Fizemos uma pesquisa e vimos que 93% das empresas não conheciam esse instrumento.

Pratini é contra a maxidesvalorização do real

Pratini elaborou um documento para o presidente, sugerindo linhas básicas de uma política de incentivo às exportações: mais linhas de crédito; agilização da privatização dos portos; promoção comercial das empresas brasileiras no exterior; e mais acesso dos empresários ao ACC, um instrumento que permite equalizar as taxas de juros do mercado interno com as lá de fora, bem mais baixas. O presidente da AEB não pediu a desvalorização do real. Ao contrário: condenou economistas como Rudiger Dornbusch, que pregam a maxidesvalorização da moeda, e defendeu a política de bandas cambiais.

— Estamos defendendo uma política de auxílio à exportação e não a maxidesvalorização da moeda. Claro que, do ponto de vista da exportação, o câmbio está sobrevalorizado. Mas a hora de fazer isso não é agora. Equivaleria dar um tiro no pé. Através da banda cambial, o Governo pode fazer essa desvalorização gradualmente — comentou.

Do lado de fora do Hotel Glória, no primeiro protesto contra o Governo após o lançamento do pacote econômico, cerca de 300 funcionários da Fundação Nacional de Saúde (FNS) vaiaram durante cinco minutos o presidente. Fernando Henrique, ao ver o tumulto, perguntou do que se tratava, mas se recusou a receber uma comissão de manifestantes. ■



FERNANDO HENRIQUE, na porta do Hotel Glória, cercado por fotógrafos e funcionários da Fundação Nacional de Saúde, que fizeram um protesto ontem